

Estratégias de ensinagem e protagonismo discente em disciplina optativa da graduação em Design Gráfico

Juliane Scoton (UFPR)

juliane.scoton@gmail.com

Carolina Calomeno (UFPR)

carolcalomeno.ufpr@gmail.com

Estratégias de ensinagem e protagonismo discente em disciplina optativa da graduação em Design Gráfico

Resumo: A estruturação de disciplinas optativas é um desafio para docentes de graduação, especialmente quando contemplam discentes de diversos períodos e possuem objetivos complexos, que trazem conhecimentos de outras áreas. Nesse âmbito, o artigo apresenta o relato de experiência da disciplina de Introdução à Ilustração Botânica, realizado através de Prática de Docência na graduação em Design Gráfico da UFPR. Para a estruturação da disciplina, a docente utilizou como estratégia pedagógica a construção de um Plano de Ensino colaborativo, com abordagem centrada nos(as) discentes e com vistas a fomentar o protagonismo discente. Foi utilizado o método de estudo de caso *ex post facto* para descrever as aulas e revisão de literatura assistemática para a explicação dos conceitos abordados. São apresentados resultados qualitativos e quantitativos da aplicação de um questionário e reflexões sobre a efetividade das estratégias utilizadas.

Palavras-chave: estratégias de ensinagem; ensino do design; ensino centrado no aluno; protagonismo discente.

Teach/learning strategies and student protagonism from an optative discipline in graphic design education

Abstract: Structuring optative disciplines is a challenge for undergraduation professors, especially when their classes assimilate students from different terms, and have complex objectives which require knowledge of diverse scientific areas. In this context, this article aims to present the experience report from the discipline Introduction to Botanical Illustration, carried out through Teaching Practice in the Graphic Design undergraduation program at UFPR. For the structuring of the discipline, the professor used the construction of a collaborative Teach/learning Class plan as pedagogical strategy, with an approach centered on the students and with a view to fomenting student protagonism. The *ex post facto* case study method was used to describe the classes and unsystematic literature review for the explanation of the concept discussed. Qualitative and quantitative results of the application of a questionnaire and reflections about the effectiveness of the worked strategies are presented.

Keywords: teach/learning strategies; design education; student centered learning; student protagonism.

1. Introdução

Diante aos desafios para a elaboração de uma disciplina, surge aos(às) docentes a necessidade de proporem conteúdos assertivos, bem como experiências que estimulem o aprendizado e o engajamento dos(as) discentes. Estes desafios tomam dimensionamentos maiores quando se trata de uma disciplina optativa, pois os(as) discentes não têm a obrigação de cursar a disciplina, portanto sua elaboração necessita ter um maior cuidado de modo a atingir as expectativas dos(as) matriculados(as). Nesse sentido, problematizam-se questões quanto às estratégias utilizadas para a estruturação da disciplina, a sua função pedagógica e a adaptação desta a discentes de diferentes turmas.

Este estudo consiste num relato de experiência, resultado de uma Prática de Docência¹ da Pós Graduação em Design da Universidade Federal do Paraná – UFPR, realizada na disciplina de Introdução à *Ilustração Botânica* da graduação em Design Gráfico, na mesma instituição. A disciplina foi lecionada pela prof^a Dr^a Carolina Calomeno, durante o primeiro semestre letivo de 2022. O objetivo, além de vivenciar a docência como atividade formativa, era observar uma disciplina que utilizasse de estratégias de *ensinagem*² para estimular o protagonismo discente como fator estrutural de uma disciplina. Dessa forma, a disciplina em questão mostrou-se pertinente. Cabe apontar que estava sendo realizada pela segunda vez no curso, consistindo numa disciplina optativa, que contemplava discentes de vários períodos. Pelo fato de abordar técnicas de ilustração e pintura, gerou grande interesse aos(às) discentes do curso de Design Gráfico, tendo todas as 33 vagas ofertadas preenchidas, com lista de espera para matrícula.

Para a estruturação da disciplina, a docente utilizou estratégias de *ensinagem* com enfoque nos(as) discentes, com vistas a estimular o protagonismo discente. Ao realizar revisão assistemática de literatura sobre os temas “estratégias de *ensinagem*” e “protagonismo discente”, observou-se que se tratam de assuntos ainda pouco discutidos no âmbito do ensino de Design e que a maioria dos estudos encontrados apontam o olhar para as ações docentes, poucos enfocam o papel do discente no processo educacional. Por meio desse relato, pretende-se descrever a experiência de uma disciplina da graduação em Design Gráfico que explorou esses temas, entender seus possíveis

- 1 A Prática de Docência é uma atividade obrigatória para discentes bolsistas do Programa de Pós Graduação em Design da UFPR.
- 2 *Ensinagem* é aqui entendida como um termo cunhado pela autora Anastasiou (2015; 2002), detalhado adiante.

impactos sob a perspectiva discente, bem como contribuir para os campos de pesquisa sobre Design e Ensino-aprendizagem no Ensino Superior.

O texto apresentado buscará descrever a disciplina a partir da Prática de Docência realizada, pelo método de estudo de caso via abordagem *ex post facto*.

2. Desenvolvimento

Por se tratar de um relato de experiências que já ocorreram, o recurso metodológico selecionado é o estudo de caso via abordagem *ex post facto*. O estudo de caso consiste numa investigação empírica que analisa um fenômeno no seu real contexto. É realizado quando o que será apurado é de relevância para a pesquisa, podendo ajudar a compreender problemas sociais complexos ou processos, bem como no embasamento de tomada de decisões (YIN, 2005). Por sua vez, a abordagem *ex post facto* ocorre quando “os fatos de interesse ao pesquisador já ocorreram no passado mas são claramente delimitados no tempo, no repertório de informações disponíveis e nos atores envolvidos” (SANTOS, 2018, p. 93).

O relato de experiência apresentado foi construído a partir da análise do material da disciplina disponibilizado pela docente, do registro de diários de aula (que compreenderam anotações de acordo com observações pessoais da autora acerca dos seguintes tópicos: data, horário, número da aula, temas discutidos, atividades desenvolvidas, materiais utilizados, descrição da aula, emoções registradas e fotografias) e da aplicação de um questionário ao final da disciplina, de modo a coletar dados qualitativos sob a impressão dos(as) discentes.

Para a construção da fundamentação teórica do estudo, foi realizada revisão bibliográfica assistemática (RBA) de modo a conceituar os termos “estratégias de ensinagem” e “protagonismo discente”, estabelecendo assim o referencial teórico do estudo, no sentido de relacioná-los ao contexto de uma disciplina construída.

Tendo como base os estudos sobre ensino e aprendizagem de Anastasiou (2015; 2002), optou-se pela utilização do termo *ensinagem*. A autora apresenta a palavra “ensinagem”, realizando a junção das palavras “ensino + aprendizagem”, explicando-a como uma ação de ensino que resulta no aprendizado discente. Segundo ela, essa ação consiste numa prática social complexa, que pode ser materializada tanto por docentes quanto por discentes, ademais por ambos e juntos, englobando tanto a ação de ensinar quanto a de aprender na busca pelo conhecimento. As reflexões da autora ressaltam a importância da sensibilidade do(a) docente e da necessária construção de relação

de intimidade com os(as) discentes, para que se sintam livres para desempenhar o papel de protagonistas dentro do processo (ANASTASIOU, 2015).

As reflexões de Anastasiou consideram a *ensinagem* como um grande desafio à ação docente e, para enfrentá-lo, estabelece que os(as) docentes não devem se limitar à simples transmissão da informação mas sim serem mediadores, possibilitando que o(a) discente elabore a síntese e a compreensão própria do conhecimento. Para a autora, o(a) discente necessita ser ativo no processo de *ensinagem* e cabe ao(à) docente planejar e efetivar ações que possibilitem essa realidade (ANASTASIOU, 2002).

Nesse processo – o da *ensinagem*, uma ação eficaz e sugerida por este relato de experiência é a estruturação de disciplinas com vistas a fomentar o protagonismo discente. O qual é definido pelos autores Russo, Macedo e Ferreira (2015), como uma estratégia pedagógica que propõe a criação de valores, cenários e espaços para proporcionar a autonomia do estudante, necessária para a formação de pessoas independentes, solidárias e participativas. O objetivo do protagonismo discente é “propiciar aos indivíduos sua independência de atitudes e escolhas e fazer com que ele próprio tome as iniciativas para mudar sua realidade” (SANTANA; PARANHOS; PAGAN, 2017, p. 3). Segundo as autoras, dar a oportunidade para o(a) discente pensar sozinho o fará mais autônomo e crítico com relação ao contexto em que está inserido.

De modo a contornar os desafios para a estruturação de uma disciplina optativa, a docente utilizou estratégias de *ensinagem* com centralidade nos discentes, proporcionando oportunidades para os(as) discentes se expressarem acerca de suas expectativas e desempenharem o papel de protagonistas, por meio da construção colaborativa de um Plano de *Ensinagem* para a disciplina de *Introdução à Ilustração Botânica*. Na proposta de estruturação do Plano de *Ensinagem*, os(as) discentes deveriam refletir e decidir sobre: o que gostariam de aprender; qual técnica gostariam de trabalhar; quais temas gostariam de explorar; quais atividades seriam desenvolvidas; bem como estabelecerem a avaliação formativa da disciplina, definindo pesos às atividades, distribuindo créditos maiores para as que exigissem maior esforço e resultassem num maior aprendizado.

A disciplina *Introdução à Ilustração Botânica* ocorreu no ano de 2022, compreendendo o período de 2 de fevereiro a 7 de maio e possuindo carga horária total de 30 horas, divididas em 11 aulas. Por consequência das restrições da pandemia de Covid-19, as duas primeiras aulas da disciplina ocorreram no formato remoto, após esse período, as restrições foram flexibilizadas permitindo as aulas presenciais, portanto as aulas subsequentes ocorreram presencialmente.

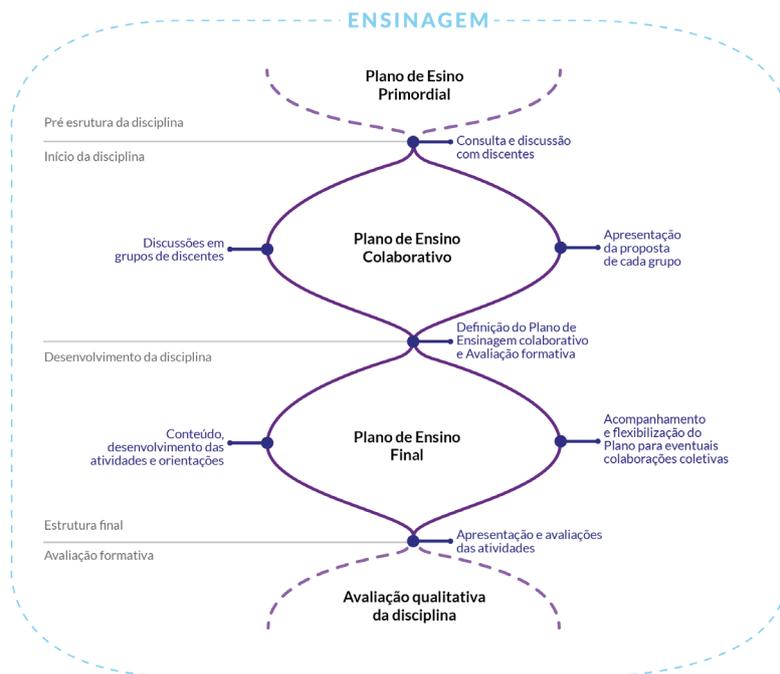


FIGURA 1: Representação diagramática dos procedimentos utilizados para a construção colaborativa do Plano de Ensino (fonte: elaborado pelas autoras)

Para o planejamento da disciplina, a docente estruturou um Plano de Ensino primordial que foi entregue à coordenação do curso meses antes do início das aulas, apresentado na Figura 2 a seguir.

2021 2º semestre | 31 de Janeiro a 07 de Maio/2022

ODTE16 Introdução à Ilustração Botânica - turma A
Introdução à Ilustração Botânica.

correspondentes ao Currículo Anterior: OD120j OD125j OD130j (disciplinas exclusivas para veteranos do Design Gráfico)

Natureza: optativa
Modalidade: presencial
CH total: 30h | CH semanal: 2h
Número de turmas: 04
Número de vagas: 33
Ministrante: Carolína Calomeno
Email: carolinalcomeno.ufrpr@gmail.com

ementa
A ilustração botânica, seus aspectos históricos, técnicas, materiais e possibilidades expressivas.

Justificativa
A partir da Resolução CEPE 52/21 a qual instituiu o calendário acadêmico da UFRPR para 2021, como plano de adequação ao calendário civil e o contexto pandêmico de cuidados e de restrições de interações, esta disciplina será desenvolvida de forma presencial, mas prioritariamente, com atividades individuais.

programa

- o panorama histórico da Ilustração Botânica no Brasil e suas influências
- Plantas brasileiras: endêmicas, nativas, naturalizadas e exóticas.
- Morfologia vegetal introdutória: talha, flor e fruto
- Técnicas para ilustração botânica: coleta, observação e registros precisos.
- Composição visual para montagem de prancha botânica
- Representação gráfica de um specimen nativo do Brasil com técnicas monocromáticas e cromáticas.

objetivo geral
Conhecer aspectos históricos, representacionais e funcionais da ilustração botânica, e o campo de trabalho do ilustrador científico, como possibilidade de para o Design Gráfico.

objetivos específicos

- desenvolver a percepção e a representação de specimens, com os princípios e técnicas da ilustração científica
- conhecer técnicas de representação em preto e branco e à cores, para o registro de specimens.
- pesquisar aspectos científicos do specimen como: classificação, morfologia, etc.
- realizar trabalhos práticos de ilustração e apresentar verbal e visualmente.

procedimentos didáticos
A disciplina será desenvolvida segundo os seguintes procedimentos:

- 13 aulas presenciais para apresentações, para discussões e para sanar dúvidas;

DDesign

Universidade Federal do Paraná
Setor de Artes, Comunicação e Design
Departamento de Design
Curso de Design Gráfico

DDesign

- Exercícios, desenvolvidos de forma remota e assíncrona, com entregas em pastas virtuais da disciplina, alojadas no Google Drive. Os exercícios compreendem documentos com roteiro para preenchimento e devem ser realizados como apoio ao desenvolvimento da Proposta de TCC, bem como sua entrega compreenderá avaliação e controle de frequência.
- apresentação final do trabalho desenvolvido para outras colegas;
- a comunicação ocorrerá por email e eventualmente por Whatsapp;
- Entregas: observar no cronograma as datas limites de entregas das atividades e dos exercícios. Entregas dos exercícios serão on-line, não serão contabilizadas.
- Atendimentos extraclasses: agendar com a professora ebu monitora, antecipadamente para o período da tarde ou alguma "janela" no período da manhã.

Importante!!!
A disciplina será conduzida segundo as premissas de **ensinagem** (ensino-aprendizagem) e este Plano de Ensino e todos os seus itens serão apresentados, discutidos e podem ser alterados, de forma colaborativa entre docente e discentes, de forma que se adeque às necessidades específicas do grupo interagente.

formas de avaliação

- pesquisa: pesquisar aspectos científicos do specimen (classificações, tipologias, morfologias, nomenclaturas, representações, incidências, usos, artigos etc)
- specimen: desenvolver esboços (sketches) para uma ilustração científica a grafite ou nanquim (pb) e uma a cores (lápis de cor ou aqueçador)
- apresentação: apresentar para a turma o seu desenvolvimento e os resultados finais do semestre: gerar roteiro pdf
- autoavaliação: analisar seu desenvolvimento na disciplina
- critérios de avaliação
 - atendimento às técnicas expressivas solicitadas
 - estabelecimento da relação entre técnica e intencionalidade
 - uso adequado de materiais e suportes
 - complexidade das representações
 - composição e registro das aulas e exercícios no sketchbook
 - apresentação visual e organização das informações nos trabalhos
 - clareza e discernimento nas explicações orais
 - capacidade de representação e exploração das técnicas aprendidas
 - acabamento e limpeza dos trabalhos
 - entregue nos objetivos pretendidos.
- Média para aprovação:
 - Média de 100 a 70: Aprovação direta, sem exame final
 - Média de 69 a 40: Realização de exame final para obter média superior a 5,0
 - Média de 39 a 0: Reprovação sem realização de exame final.

Importante!!!
Segundo os princípios de ensinagem, as avaliações serão formativas, ou seja, as atividades avaliativas e trabalhos serão também definidos em conjunto no Plano Inicial da disciplina, conforme objetivos de ensinagem, bem como pesos e critérios de avaliação definidos colaborativamente.

FIGURA 2: Plano de Ensino primordial da disciplina Introdução à ilustração Botânica (fonte: das autoras)

Na aula 1, realizada no formato remoto via aplicativo *Teams*, após a apresentação do Plano de Ensino primordial, a docente explicou sobre a proposta colaborativa do Plano de *Ensinagem*, ressaltando que as informações ali apresentadas estavam abertas para discussão e que esta ação de *ensinagem* propõe justamente um movimento de aprendizagem mais diligente, com a participação discente no processo de estruturação da disciplina. Com a finalidade de entender a aceitação dos(as) discentes, são questionados se conhecem esse processo de construção de disciplina e se concordam com a sua utilização. Alguns(as) discentes responderam que conhecem, outros(as) que não, no entanto todos concordam e demonstram-se bastante entusiasmados.

Sequencialmente é proposta a primeira atividade de ilustração: o desenho de uma folha, de alguma planta que o(a) discente tivesse em casa, explicando que não havia certo ou errado. Então, cada qual apresentou seu desenho, por meio de compartilhamento de tela, resultando em representações diversas e interessantes, cujo objetivo foi o de reconhecer o repertório expressivo da turma, conforme exemplifica a Figura 3, a seguir. Neste dia toda a turma demonstrou grande entusiasmo e expectativa para começar os trabalhos da disciplina.

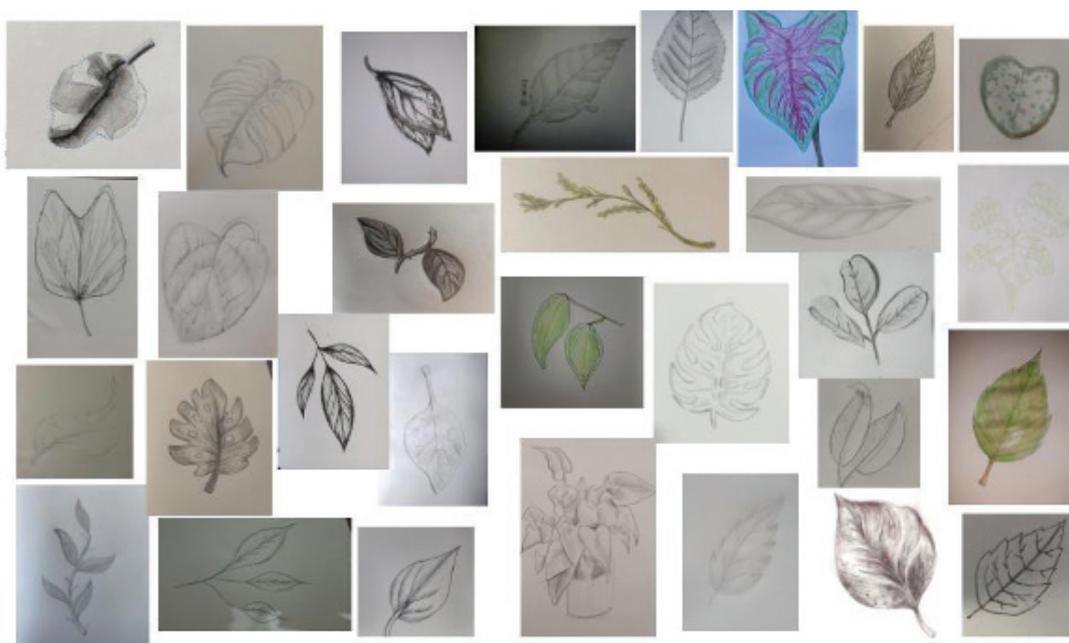


FIGURA 3: Compilação de desenhos discentes, da primeira atividade da disciplina (fonte: das autoras)

Na hora final da aula, para subsidiar as discussões sobre a proposta colaborativa de *ensinagem*, os(as) discentes foram organizados em 11 equipes de três integrantes cada, para responderem um documento (apresentado na Figura 4) com questões relativas ao planejamento de *ensinagem* da

disciplina, com possibilidade de inserção de novas questões, a ser discutido na aula da semana seguinte.

2021 . INTRODUÇÃO À ILUSTRAÇÃO BOTÂNICA

plano de ensinagem (planejamento colaborativo discentes+docentes) . 09 fevereiro

tempo disponível: 11 semanas	equipes marcar X nos itens de consenso											
abordagem para o conhecimento												
único tema em profundidade										X	X	X
vários temas com amplitude, diversidade (horizontalidade)	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X
[inserir outra opção]												
os objetivos comuns (o que será aprendido)												
aprender desenhar estilo realista (real > specimen)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
aprender a ilustrar de forma técnica (pesquisa, conceitos, texturas, etc)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
aprender técnica de aquarela (a definir) R\$ 70,00 a 100,00 . cores primárias	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
aprender lápis de cor (a definir) R\$ 50,00 a 70,00 . cores primárias	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
aprender imagens e cenários (científicos)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
conhecer plantas nativas do/sem Curitiba	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
aprender princípios de identificação botânica (pesquisa, teoria, morfologia, etc)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
descobrir a referências (app, ilustradores, fontes de pesquisa, locais de pesquisa)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
conhecer o panorama histórico (geral e no Brasil)									X	X	X	X
conhecer os/as expoentes da ilustração botânica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
conhecer mistura de cores	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
[inserir outra opção]												
os temas da turma (focos de estudo)												
plantas nativas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
pintura	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
desenho	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
modo analógico	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
modo digital			X	X							X	
frutas / plantas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
[inserir outra opção]												

as atividades a serem desenvolvidas (objetivos + temas = tarefas, desafios, exercícios..)												
coletar specimen (?)								X	X	X	X	X
representar em desenho	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
representar a cores	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
conhecer nomenclaturas básicas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
representar/simular um prancha botânica (A4 / A5)								X	X	X	X	X
exercícios semanais												
									X	X		X
exercícios mensais												
									X			X
um exercício "maior", mais completo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
estudos semanais												
											X	
estudos quinzenais (2 em 2 semanas)												
								X	X	X	X	X
[inserir outra opção]												
os processos de avaliação (objetivos + análise de resultados pretendidos = valoração qualitativa e/ou quantitativa . avaliadores)												
autoavaliação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
avaliação por pares	X											X
avaliação docente	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
participação em atividades	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
avaliação processual	X							X	X	X	X	X
avaliação de prancha botânica								X	X	X	X	X
[inserir outra opção]												

FIGURA 4: Planilha de Planejamento de Ensino colaborativo da disciplina Introdução à Ilustração Botânica (fonte: das autoras)

Além das questões de interesse, assinaladas com “x” pelas das equipes, apresentadas na Figura 4, as equipes deveriam preparar um slide, a ser apresentado na aula 2, respondendo às seguintes questões: porque escolheram essa disciplina?; o que já conhecem sobre o tema e o que estão buscando com a disciplina?; qual o seu objetivo pessoal?; o que deseja aprender?; e, como iremos aprender?

Na aula 2, que também ocorreu no formato remoto, a docente iniciou retomando as explicações sobre o Plano de *Ensinagem*, reforçando o teor colaborativo pretendido. Então, os grupos apresentaram os slides com a atividade solicitada na semana anterior e a maioria pontuou que escolheu a disciplina pelo interesse em ilustração, que tinham o objetivo de aprender mais sobre plantas e praticar técnicas de ilustração e pintura, o que gerou discussões sobre a composição da disciplina e abriu espaço para a apresentação do próximo exercício, com o qual a docente apresentou um slide com alguns tópicos sobre a disciplina: abordagem, objetivos, temas, atividades e avaliações.

Então, solicitou-se aos(as) discentes que se reunissem em salas virtuais diferentes, previamente criadas, para discutirem e escolherem os tópicos que mais tinham afinidade. Em cada tópico, a docente deixou campos para serem preenchidos com sugestões, no entanto nada foi sugerido. Concluída a atividade, a docente apresentou a Figura 4 com o planejamento de *ensinagem* da disciplina para todos(as) e pontuou que os(as) discentes marcaram quase todas as opções apresentadas. Dessa maneira, achou pertinente debater sobre as alternativas apresentadas e pediu para a turma escolher entre algumas alternativas ou outras, como: quais espécimes seriam representados?; e quais técnicas de ilustração seriam utilizadas (aquarela ou lápis de cor)?, pois no cronograma da disciplina não daria tempo para explorar as duas técnicas. Este debate gerou discussões que deixaram a turma dividida e sem conseguir escolher, então a docente se comprometeu a fazer um levantamento sobre custos dos materiais e a trazer alguns na próxima aula (que já estava programada para acontecer no formato presencial) para que os(as) discentes tivessem contato e noções sobre os preços, para poderem decidir com mais propriedade.

Por fim, foi passada a próxima atividade para que trouxessem na aula seguinte imagens e referências sobre os espécimes que gostariam de trabalhar. Neste dia observou-se que parte da turma ficou receosa para justificar as decisões sobre o Plano de *Ensinagem*, supõe-se que por conta do estranhamento ao “modelo novo” de planejar a disciplina. A outra parte demonstrou-se confortável, pois já havia experienciado outras disciplinas em formato parecido antes, com a mesma docente.

Na aula 3, primeira a ocorrer de modo presencial, a docente trouxe vários materiais e deixou todos expostos numa mesa para a turma. Os(as) discentes demonstraram-se bastante entusiasmados, especialmente por ser a primeira aula presencial após a pandemia, estavam todos muito curiosos e interagindo com os materiais. Em seguida, a docente apresentou slides com conteúdo e passou instruções para a primeira atividade da disciplina: os(as) discentes deveriam trazer na próxima aula um espécime de planta nativa para ser feita uma representação a lápis.

Ao final da aula, a docente retomou as discussões sobre a estruturação da disciplina, para definir qual técnica de ilustração seria utilizada. Então, comentou sobre os preços dos diferentes tipos de materiais e a maioria da turma optou por explorar a técnica de aquarela. Nesta aula também foi decidida como atividade a criação de um *sketchbook*³ para registrar os trabalhos de

3 Um *sketchbook* consiste num caderno de esboços que acompanha o ilustrador durante seu processo criativo, através do registro de inspirações e experimentação de técnicas, sem a pretensão de alcançar um resultado acurado.

cada aula. Todos permaneceram atentos durante a aula, contudo ninguém se pronunciou ou fez perguntas.



FIGURAS 5 e 6: Fotos da aula 3 (fonte: das autoras)

Na aula 4, os(as) discentes trouxeram inúmeras amostras de espécimes e começaram a fazer os primeiros esboços em preto e branco, a lápis. Todos ficaram muito inspirados com suas amostras e curiosos para ver as dos colegas. Ao final da aula, foram retomadas as discussões sobre o Plano de *Ensinação*, e então, foi constatado que alguns(as) discentes ainda permaneciam em dúvida sobre qual técnica escolher, pois uns consideravam mais fácil trabalhar com o lápis de cor. Então, apesar de a maioria ter optado por trabalhar com aquarela, a docente sugeriu realizar uma aula extra dedicada a explorar a técnica de ilustração a lápis de cor, para que quem houvesse preferido essa opção, pudesse ter essa vivência.



FIGURAS 7 e 8: Fotos da aula 4 (fonte: das autoras)

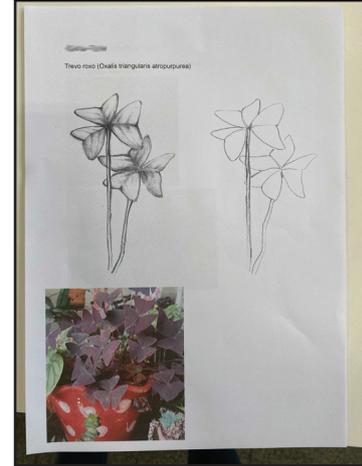
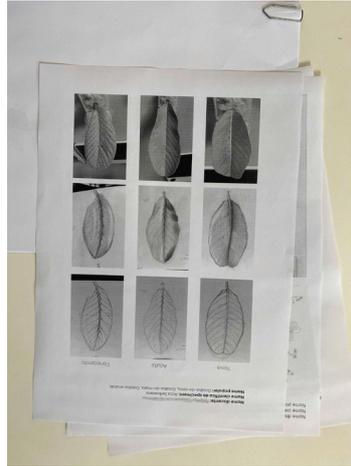
Na aula 5, o assunto principal da aula foram as instruções para a identificação do espécime da planta. A docente perguntou aos(as) discentes qual das amostras de plantas que trouxeram escolheriam para representar, pois apenas uma seria representada. Os(as) discentes escolheram amostras bem

diversas, como: árvores, suculentas, folhagens, flores e frutas. A docente pediu para que apresentassem o espécime e explicassem a origem da planta escolhida. Contudo, alguns(as) escolheram espécimes não nativos do Brasil, o que estava fora do acordado no Plano de *Ensinação*. A docente então, lembrou o que foi acordado no planejamento, de que seriam trabalhadas apenas espécies brasileiras, e então orientou quem escolheu espécie estrangeira a escolher outra nativa. Em seguida, apresentou slides explicando sobre a classificação das plantas e exemplos de como estruturar uma prancha de ilustração botânica. Ao final da aula, a docente mostrou o orçamento que fez para a compra dos materiais e o quanto cada um deveria investir.

Na aula 6, os(as) discentes trouxeram os espécimes definitivos que iriam representar e cada qual apresentou o seu. A atividade do dia foi uma representação monocromática dos espécimes. Ao longo da aula, a docente visitou as mesas, acompanhando o desenrolar dos desenhos dos(as) discentes, sanando dúvidas e fazendo sugestões. Os(as) discentes começaram os primeiros esboços com muita animação.

Na aula 7, mais discentes manifestaram insegurança em trabalhar com aquarela e optaram por fazer os trabalhos em lápis de cor. A docente então dividiu a turma em dois grupos: um para trabalhar com aquarela (22 discentes) e outro com lápis de cor (11 discentes). Nesse dia a turma trabalhou com cores pela primeira vez, todos demonstraram animação para começar e a sala de aula estava repleta de materiais de pintura. A docente apresentou o conteúdo do dia por meio de slides com explicações sobre quais materiais escolher e técnicas de aquarela, mostrou imagens e vídeos com estudos de ilustrações elaborados e deu as primeiras dicas para a turma iniciar as ilustrações coloridas, a partir das representações à lápis.

Na aula 8, a docente solicitou aos(as) discentes a entrega da primeira atividade – a representação monocromática, e explicou sobre a próxima atividade de representação colorida, explicando os pontos que seriam avaliados. A docente aproveitou para explicar a atividade final da disciplina: uma exposição com todos os trabalhos da turma. Nesse dia os(as) discentes continuaram a produzir as representações coloridas e a docente fez ao vivo demonstrações de pintura em aquarela. Os(as) discentes observaram-na com bastante atenção e solicitaram que representasse algumas partes específicas das plantas mais difíceis. No desenrolar da aula, a docente seguiu acompanhando as atividades, orientando-as e sanando dúvidas.



FIGURAS 9, 10 e 11: Fotos da aula 8 (fonte: das autoras)

Na aula 9, a docente iniciou devolvendo a primeira atividade corrigida e comentando sobre alguns pontos que observou durante as correções: muitos não entregaram a proposta correta da atividade. Então, chamou a atenção dos(as) discentes quanto a necessidade das representações serem mais realistas e detalhadas. Em seguida, foi passada a atividade do dia: alguns exercícios de pintura para exercitarem e aperfeiçoarem suas técnicas para poderem adaptar à pintura de qualquer espécie. A docente seguiu fazendo seu acompanhamento rotineiro, visitando todas as mesas e fazendo ponderações sobre cada trabalho. Por fim, levantou discussões sobre o trabalho final da disciplina, conforme o que havia sido acordado no Plano de *Ensinagem*, e sobre os critérios de avaliação das atividades.

Na aula 10, foram instruídas informações a respeito da entrega de uma prancha com a atividade de representação colorida da amostra de planta. A docente aproveitou para discutir novamente com a turma sobre como seria o projeto final da disciplina e conversou sobre a construção de um mini relatório, que apresentasse o processo de criação da ilustração. Ela orientou-os(as) a criarem um relato pessoal sobre o processo de produção da ilustração e salientou que seria importante que apresentassem as reflexões que tiveram sobre o espécime e o quanto isso seria importante para auxiliar a avaliação. E ainda, explicou sobre como seria a apresentação dos trabalhos, como numa exposição, fixando os trabalhos na parede e apontou quais fatores de avaliação seriam considerados. Em seguida, foi apresentada a atividade teórica do dia e apresentação de conteúdo sobre cores. Por fim, seguiram-se as orientações do desenvolvimento das pranchas.

Finalmente, na aula 11, os(as) discentes fixaram seus trabalhos finais no quadro e apresentaram slides explicando como foi seu processo de pesquisa sobre o espécime da planta, seus dados científicos e relataram como

ocorreram seus processos criativos, também apresentaram suas pranchas com as atividades de representação monocromática e a representação colorida. Escutou-se nesse dia comentários discentes a respeito: da escolha de suas plantas pela beleza e que as mais bonitas são ricas em detalhes e mais difíceis de representar; das dificuldades que tiveram na disciplina, sendo que uma discente afirmou que “terminou as pinturas com lágrimas” pela sua superação; do uso de termos técnicos para se referirem às partes e estruturas das plantas; da dificuldade de alguns(as) discentes quanto à técnica de pintura em aquarela.



FIGURAS 12, 13 e 14: Fotos da aula 11 (fonte: das autoras)

A exposição final dos trabalhos se deu de forma muito positiva, com os(as) discentes orgulhosos apresentando seus trabalhos, observando os trabalhos de colegas, com comentários elogiosos. Foi possível ver a evolução que tiveram, desde a primeira atividade de representação de uma folha até a prancha final, e muito nítido perceber o quanto evoluíram em sua técnica.

No dia seguinte, a docente enviou a todos por e-mail um questionário digital de avaliação da disciplina, via plataforma *Google Forms*, com uma série de 40 questões que versavam: a) sobre seu desempenho na disciplina e autoavaliação; b) sobre a disciplina e sua estruturação; c) sobre a docente; d) sobre os aspectos especiais da disciplina, tais como as estratégias de *ensinagem* utilizadas. Convém apontar que toda a turma respondeu o questionário, pois a autoavaliação era obrigatória para a composição da nota final da disciplina.

Cabe aqui apresentar algumas respostas às questões, representadas no formato de escala Likert⁴ e apresentada por meio gráficos, em porcentagem:

- 4 A escala Likert consiste numa escala de resposta psicométrica para pesquisas, compondo-se através de uma quantidade ímpar de itens, onde os perguntados especificam seu nível de concordância a uma afirmação, indo de concordância total, passando por um item intermediário, até uma discordância total.

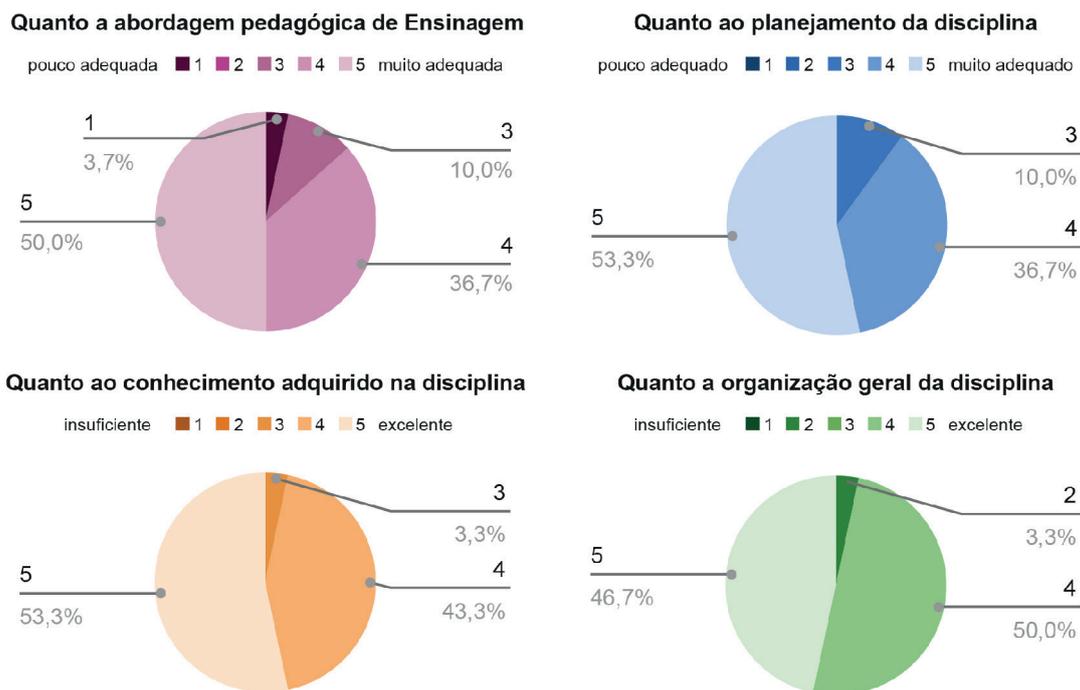


FIGURA 15: Compilação da avaliação do Planejamento de *Ensinaagem* colaborativo da disciplina *Introdução à Ilustração Botânica* (fonte: das autoras)

O questionário contemplou também perguntas com respostas abertas, as quais reuniram os *feedbacks* dos(as) discentes sobre a disciplina principalmente de acordo com: a) o processo de *ensinaagem* centrado nos(as) discentes e colaborativo; b) os pontos fortes; e c) os pontos fracos. A seguir estão destacados alguns relatos singulares, dentre as respostas enviadas pela turma, de acordo com as perguntas:

a) O processo de *ensinaagem* centrado nos(as) discentes e colaborativo

D1: *A meu ver esse é o melhor caminho, principalmente dentro do curso de design. Deixar os alunos discutirem o que gostariam de aprender é sempre muito bom e proveitoso, mas também acredito que deva haver um balanço entre isso e o que os professores querem ensinar.*

D2: *Particularmente, me sinto mais segura quando o planejamento e os critérios de avaliação são definidos pelo professor (a), uma vez que possivelmente ele vai escolher o que é melhor e mais justo para a maioria, não correndo o risco de desfavorecer quem não tem tanta facilidade em lidar com os trabalhos e atividades avaliativas propostas.*

D3: *Foi muito legal ter opções, no final acabou que eu nem lembrava que lá no início tínhamos sonhado tão alto querendo aprender tudo. Eu gostei muito da ideia de autoavaliação, porque apesar de achar que terão pessoas se avaliando muito bem, ou muito mal, me faz pensar que temos essa*

responsabilidade, de entregar algo bom, não pra agradar ninguém, mas pra aprender e também melhorarmos como designers.

D4: Particularmente, gosto de quando as disciplinas são planejadas em conjunto com os discentes. Cada turma engloba pessoas com objetivos diferentes ao realizar uma disciplina, em especial disciplinas optativas. Creio que definir tudo em conjunto acaba por criar uma união maior dentro da turma.

D5: Não sinto que o tempo presencial da disciplina foi bem aproveitado, acho que as orientações poderiam ser feitas em outros momentos, até mesmo virtual, sinto que os horários presenciais seriam mais proveitosos se utilizados para cobrir a técnica em si, ao invés de orientações individuais. E creio também que a disciplina teve um ritmo confuso por conta das orientações, não sabia em que momento deveria avançar a técnica, ou se tinha que esperar mais tempo.

D6: Achei muito interessante o uso dessa estratégia na matéria, pois deu liberdade aos estudantes de escolher o que representar e focar, já que é uma área que envolve uma gama enorme de possibilidades. Mas justamente por ter tantos caminhos, fazer parte da decisão foi um pouco intimidador, porque não sabia qual era a melhor forma de iniciar e se as escolhas seriam muito complexas para o tempo da disciplina. Não senti uma insegurança em não ter um cronograma fixo, acho bom ter a possibilidade de alterar alguma data quando é um consenso e vá ser melhor para todos.

D7: É bastante diferente analisarmos que o Plano de Ensino realmente foi planejado em conjunto, e principalmente agora no trabalho final, que tivemos a oportunidade de realmente definir os pesos, me trouxe uma certa insegurança, pois envolve toda a realização de técnica e processo, mas após a fala da professora em sala de nós mesmos sabermos melhor que ninguém nosso processo, foi o que me fez pensar que realmente essa maneira de avaliação é melhor, visto que eu sou a melhor pessoa para entender o meu processo, o que deixei de fazer e o que não deixei. Dessa maneira, eu tenho uma impressão bastante positiva dessa estratégia colaborativa.

D8: Achei muito positivo e gostaria que fosse implementado nas demais disciplinas do curso. O cronograma realmente ajuda na organização e divisão de horas de estudo, então manter datas para os trabalhos ainda é um ponto positivo.

b) Os pontos fortes

D1: Um ponto forte foi a possibilidade de escolher entre o lápis de cor e a aquarela. Imagino que não foi prático para a professora ter duas semanas tendo o dobro de aulas, mas gostei bastante de poder escolher. Os e-mails enviados sobre o que devia ser feito foram ótimos, gostei especialmente do primeiro com todas as referências, apps e sites para pesquisar.

D2: *Principalmente a autonomia desenvolvida. A professora passou vídeos, referências e materiais bem ricos e me senti livre para aprender do meu jeito como realizar os exercícios e a análise dos espécimes.*

D3: *A flexibilidade de datas e horários e no formato da entrega, e as orientações e feedbacks das professoras.*

c) Os pontos fracos

D1: *Foi comentado em sala de aula, mas queria endossar a escolha de uma única técnica numa próxima vez. Sei que demonstrações em sala são complicadas (principalmente por conta do material e do espaço necessário), mas eu acredito que a prática é um dos grandes atrativos dessa disciplina e o motivo de muitos quererem a fazer, e senti um pouco de falta. Às vezes fazia alguma coisa em sala de aula com o material além dos exercícios propostos, mas ficou por isso.*

D2: *Incerteza sobre o material (achei q demorou um pouco para ser decidido) e alguns aspectos técnicos que foram apenas pincelados nas primeiras aulas e não foram reforçados depois, como por exemplo que tipografia usar, local a ser escrito, escalas, mas não foi algo que atrapalhou, apenas que pode ser mais enfatizado nas próximas turmas*

D3: *Não julguei que tenha tido nada como ponto fraco, sinto que aproveitei bastante a matéria. Gostaria que tivesse mais tempo, apenas.*

De acordo com os gráficos apresentados na Figura 16, é possível afirmar sobre a disciplina de *Introdução à Ilustração Botânica*, que a maioria dos(as) discentes julgaram a abordagem pedagógica utilizada e a estrutura colaborativa proposta como adequadas, e consideraram o conhecimento adquirido e a organização da disciplina como excelentes. De acordo com comentários dos *feedbacks*, foi possível colher impressões dos(as) discentes sobre as impressões que tiveram do Plano de *Ensino* colaborativo e acerca dos pontos fortes e fracos da disciplina.

Considerações finais

A vivência realizada como Prática de Docência conseguiu cumprir com os objetivos almejados de observar estratégias de *ensino* com vistas a estimular o protagonismo discente. A disciplina de *Introdução à Ilustração Botânica* possuía objetivos complexos de serem ensinados, consistindo em: técnicas de ilustração e pintura; aspectos históricos e funcionais da ilustração botânica; métodos científicos de representação de espécime botânica; utilização de nomenclatura específica para a morfologia da planta e para os componentes da ilustração, que exigem destreza do ilustrador para identificar e representar detalhes da planta em posições específicas. Frente às complexidades, a docente procurou estruturar a disciplina centrada nos(as)

discentes e se dispôs a entender o que gostariam de aprender e de produzir. Para tanto, foi apresentada uma estrutura colaborativa de planejamento, com alternativas pré-definidas relacionadas à abordagem do conhecimento; aos objetivos; aos temas; às atividades; e às avaliações, para que fossem discutidos e definidos em conjunto com a turma.

Ademais, no desenrolar da disciplina foram oportunizadas diversas situações para que os(as) discentes desempenhassem o papel de protagonistas, como: a escolha do espécime a ser ilustrado, a técnica que seria trabalhada, as partes e posições da planta que seriam representadas, as cores que seriam utilizadas na composição, a produção ou não do *sketchbook*, a liberdade na definição das datas de entrega, bem como dos critérios e pesos de avaliação dos trabalhos. A docente teve o cuidado de dialogar frequentemente com a turma para enfatizar que sempre seriam acolhidos a se expressarem e tomarem decisões, possibilitando a criação de ambiente favorável para o protagonismo discente.

O momento de maior protagonismo discente observado, se deu quando alguns(as) discentes optaram por propor alteração da técnica já definida com a turma, inicialmente no Plano de *Ensinagem*. Apesar de ter sido decidido em conjunto utilizar aquarela, no desenrolar das aulas alguns(as) discentes sentiram-se desconfortáveis com essa técnica e preferiram trabalhar utilizando lápis de cor. Após a concordância dos(as) demais discentes, as discussões sobre o Plano de *Ensinagem* foram retomadas para comportar a inclusão da nova técnica a ser explorada. Também foi adicionada uma aula extra ao cronograma de aulas, exclusiva para quem optou por trabalhar a lápis de cor, para o conteúdo relacionado ser apresentado, pois no cronograma de aulas estabelecido, não comportava a inclusão. Apesar da aula complementar, a técnica a lápis de cor não foi explorada com profundidade, mesmo assim, notou-se que os trabalhos dos que optaram por mudar de técnica progrediu com mais fluidez, o que só foi possibilitado por conta do estímulo ao protagonismo discente. Caso a disciplina não tivesse sido construída com esse “olhar” voltado aos(às) discentes, tal qual aponta a autora Anastasiou (2015), que carece de sensibilidade e de relação de intimidade entre docente e discentes, seria muito provável que fosse explorada apenas a técnica de ilustração pré-definida, o que poderia resultar em insegurança, descontentamento, falta de engajamento e provavelmente afetaria o processo de aprendizagem.

No entanto, na turma ainda observou-se predominante postura discente passiva, de espectadores e receptores do conteúdo, receosos(as) a expressar suas opiniões e interesses, sendo necessário que a docente, com frequência, comentasse da importância do papel discente ativo e crítico no seu processo

de aprendizagem, que a proposta da disciplina era ser colaborativa, estimulando a turma a expressar opiniões e preferências. Do mesmo modo, ao tomarem suas decisões individuais, sempre pediam opinião e orientação da docente. Esta passividade e receio se deve, muito provavelmente, pela pouca, ou nenhuma, participação discente no processo de discussão e de definição de temas, atividades e avaliação em disciplinas do ensino superior.

Ao refletir sobre os pontos que deram certo com a proposição do Plano de *Ensinagem* colaborativo, constatou-se que a maioria dos(as) discentes o aceitaram bem, mesmo alguns tendo pontuado que consideraram intimidador tomarem algumas decisões, pois propiciou o desenvolvimento da autonomia. Mas, especialmente, possibilitou que os(as) discentes pudessem refletir sobre sua prática, mesmo tendo sido mencionado em alguns casos que se sentiram frustrados (ao não se chegar ao resultado esperado nas ilustrações), porém a frustração não é vista como algo negativo, pois faz parte da experiência de autorreflexão e de entender que nem tudo acontece como se gostaria, fator que não interferiu nos resultados de avaliação.

Sobre os pontos que deram errado, observou-se que alguns(as) não entenderam a proposta do plano colaborativo, supõe-se que pela sensação de estranheza e receio da parte discente, sobretudo na definição dos critérios avaliativos e na postura passiva de julgar sempre o que o(a) docente propõe como mais adequado. A dificuldade com a exploração da técnica de aquarela impactou negativamente nessa percepção para alguns(as) discentes. Também ficou evidente que o tempo da disciplina poderia ter sido melhor aproveitado, pois as discussões sobre o Plano de *Ensinagem* tomaram muito tempo e precisaram ser incitadas repetidas vezes. Nesse sentido, também alguns(as) discentes despendiam demasiado tempo tentando trabalhar com aquarela, até desistirem e optarem por trabalhar com lápis de cor, precisando recomeçar os trabalhos do zero.

Durante a exposição dos trabalhos finais, na última aula, a maioria dos(as) discentes estava satisfeita com sua prancha de ilustração, poucos relataram não estarem satisfeitos, por conta de dificuldades técnicas e tempo para treinos. Os(as) discentes apresentaram seus processos de ilustrações orgânicos, utilizando termos científicos e a nomenclatura da área para se referirem ao espécime e seus componentes. Observou-se que a qualidade das ilustrações em geral ficou primorosa, com detalhes minuciosos das plantas e que as pranchas estavam bem estruturadas e organizadas, atingindo as expectativas da disciplina.

De acordo com os dados qualitativos coletados do questionário, aplicado após o término das aulas, no geral a estratégia do Plano de *Ensinagem* foi bem recebida pela turma e a disciplina de *Introdução à Ilustração Botânica*

foi considerada bem sucedida e apreciada pelos(as) discentes, que pontuaram a disciplina com média de notas acima de 3, numa escala de 0 a 5. Contudo, alguns(as) discentes mencionaram terem se sentido muito “soltos” ao não haver cobrança para a entrega das atividades, devido a liberdade para administrar o tempo, e que portanto tiveram dificuldades para cumprir os prazos estabelecidos. Outros mencionaram a brevidade do tempo disponibilizado, não permitindo que explorassem as técnicas com profundidade.

Através do relato apresentado, observou-se o quanto a estruturação de disciplinas por meio da aplicação: de estratégias de *ensinagem* centradas nos(as) discentes, como o fomento ao protagonismo discente; do Plano de *Ensinagem* colaborativo; e da avaliação da disciplina com a aplicação de questionário qualitativo, podem ser consideradas eficazes para projetar disciplinas. Desta forma, é possível aproximar temas/conteúdos às expectativas da turma, tornar o aprendizado eficiente, estimular o engajamento discente quanto à sua corresponsabilidade no seu processo educacional. Ademais, com estas estratégias o(a) docente também aprende e reflete neste processo, aproximando-se dos(as) discentes, colhendo suas impressões e suas avaliações, e revisando suas práticas, num auto processo formativo contínuo.

Como desdobramentos, sugere-se a aplicação do Plano de *Ensinagem* colaborativo para fomentar o protagonismo discente e do questionário qualitativo em disciplinas de outros contextos do campo do Design, de modo compará-las, observar suas repercussões e possíveis contribuições para a educação em Design.

Referências

ANASTASIOU, L. G. C. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. *In*: ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. (org.). **Processos de Ensinagem na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univille, 2015. p. 16-44.

ANASTASIOU, L. G. C. A ensinagem como desafio à ação docente. *In*: **Revista Pedagógica** – UNOCHAPECÓ. Joinville: 2002. Ano 4, n. 8. p. 65-77.

CALOMENO, Carolina. **Planos de Ensino e Ensinagem da disciplina de Introdução à Ilustração Botânica.**

Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1IiGubSMNBMrBjg8EiwOqFlKl6U7wXXOV?usp=share_link. Acesso em: 04 dez. 2022.

RUSSO, Â. C. R.; MACEDO, T. F. de O.; FERREIRA, L. A. Reflexões sobre o protagonismo discente na construção de um festival de jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LINGUAGENS EDUCATIVAS: PRÁTICAS, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 2015, Bauru. **Trabalhos apresentados** [...]. Bauru: [s.n.], 2015. v. 5.

SANTANA, Aline Mendonça; PARANHOS, Márcia Cristina Rocha; PAGAN, Alice Alexandre. O protagonismo discente no contexto das políticas afirmativas em educação científica. **Scientia Plena**, v. 13, n. 5, 2017.

SANTOS, A. dos (org.). **Seleção do método de pesquisa**: guia para pós-graduandos em design e áreas afins. Curitiba, PR: Editora Insight, 2018.

YIN, R. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Como referenciar

SCOTON, Juliane; CALOMENO, Carolina. Estratégias de ensinagem e protagonismo discente em disciplina optativa da graduação em Design Gráfico. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 237-257, jul./2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2023.73076>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 01/02/2023 | Aceito em 24/05/2023